

Livro de família

A história eternizada para a atual e futuras gerações é a principal motivação daqueles que publicam páginas sobre a própria vida ou a de familiares próximos

Texto: Silvânia Arriel | Fotos: Pedro Vilela



Mary Caçado: "É uma história bonita ele chegar tão longe "

Corre atrás da história do pai. Busca, reúne documentos, diários escritos por ele no início do século passado. "Havia um sobre viagem à Índia, que é inédito, nem eu conhecia." Escarafuncha, puxa, resgata a vida dele, com medo de ser diluída com o tempo, para eternizá-la. Vai imprimir-la no papel, reservá-la a futuras gerações da família e quem quiser saber que João Carlos Bello Lisbôa passou por este mundo. Habitou um cantinho dele, deixou sua digital, e estará num canto de alguma biblioteca. "Garavine, comerciante de Ponte Nova, me falou: pelo que sei do seu pai, você tem obrigação de fazer um livro sobre ele", diz a filha Maria do Carmo Bello Lisbôa Carvalho. É o que faz. Contratou equipe para escrever o livro,

muni-a com informações, vai revisá-lo, lançá-lo, provavelmente, no início do próximo ano. Não só a dele, há muitas histórias de pessoas anônimas, outras nem tanto como Bello, construtor e diretor da Universidade Federal de Viçosa (UFV), que serão perpetuadas em livros encomendados, biografias permitidas.

Longe dos catálogos das livrarias, da lista dos mais vendidos, de tornar-se best seller de leitores anônimos, mas de conhecidos, íntimos. Mostrar os feitos, a labuta, as agruras daquele personagem, daquela família tão real, que habitou ali junto deles e tem história que vale cada folha ser contada. Por isso não poupam tempo em resgatar documentos, fotos, depoimentos. São horas e mais horas de entrevistas gravadas, retiradas, editadas, transformadas em textos literários. A história de Bello Lisbôa começa a ser resgatada no papel da época em que nasceu pobre em Piranga, no estado do Rio de Janeiro, perdeu o pai Antônio Carlos, agente ferroviário, com 1 ano de vida, lutou para estudar, conseguiu se formar em engenharia. Firmou-se na Universidade Federal de Viçosa, levantou a bandeira da educação, levou-a para a fazenda que teve em Ponte Nova. Os funcionários de lá, analfabetos, no tempo em que ler e escrever eram só para abastados moradores das cidades, tiveram seus lugares na carteira das três escolas erguidas na propriedade.



Maria do Carmo Lisbôa: "Meu pai estava 50 anos à frente do seu tempo"

Foram alfabetizados. "Meu pai assistia às aulas, via que as crianças não estavam atentas e disse para minha mãe: eles estão com fome. Vou fazer sopa. Comprou tigelas e o aproveitamento foi total", relembra Maria do Carmo. Isso no início do século passado. "Ele estava 50 anos à frente do seu tempo." Acredita que essa história revolucionária não podia passar despercebida, quis pinçá-la do meio de tantas que se formam na existência de todo mundo aqui, ali, lá, nos cantos do planeta e emoldurá-la num livro de capa dura, com papel da melhor qualidade. Está quase condensada para planar sobre o correr dos anos. O ir e vir de Flávio Roberto de Araújo Cançado e Ilda Cândida do Couto por esta vida já está em mil exemplares em A Arte de Conduzir.

Registra o início da vida dos dois, os encontros, o casamento, a luta para dar futuro melhor aos sete filhos. O primeiro ônibus dirigido por Flávio, os motoristas e cobradores contratados para ajudar no trabalho, as sociedades, a compra de outras companhias de coletivos em Belo Horizonte, a diversificação dos negócios. "É uma história bonita: ele chegar tão longe com ética, bons valores", afirma a filha Mary Cançado. No princípio, o pai resistiu a se ler num livro sobre ele e a mulher, depois cedeu, ajudou, mas morreu antes do seu lançamento. Ilda, não, passou por todas as etapas, autografou Flávio e Ilda, A Arte de Conduzir.



Júnia Branco, Alexandre Pinheiro Júnior, Alexandre Neto e Júlio Marcos: livro de contos

"Ela se sentia valorizada. Perguntava: será que eu mereço? Tive sete filhos, plantei uma árvore e lancei livro", lembra Mary Cançado sobre a noite de autógrafos lotada de parentes, amigos, um mês e pouco antes de sua morte, como exemplo para conduzir as próximas gerações na empresa de ônibus da família e na vida. A deles se junta a de outros crescentes pedidos de publicações sob encomenda, que acabam por preservar parte da memória do município, do estado. "Quando não há muito conteúdo, trabalhamos o contexto, a conjuntura. Fazemos tudo para o livro ficar bom", diz Osias Ribeiro, do Escritório de Histórias, autor de mais de 30 títulos sobre biografias anônimas, de empresas e 12 em levantamento de informações.

Há os que levam a história e a escrita também. "Fizemos várias entrevistas, o biografado quis ver as transcrições e resolveu escrever. Já mandou 150 páginas manuscritas. Não é texto literário, mas as ideias são bem organizadas", conta Osias Ribeiro. Aí ele aprimora as frases, transforma em capítulos e, aos poucos, de quatro mãos, materializa-se a livro. Não se importa, mas intromete quando necessário para deixar a história clara a conhecidos ou futuros leitores do círculo do personagem. Mas há os que redigem por computador próprio seus costumes, vivências, lembranças, casos cômicos vividos pela família. Pai e três filhos começaram a escrever, juntaram tudo e Um Conto e Tanto foi publicado, com tiragem de 500 exemplares.



Ilda do Couto, no lançamento do seu livro

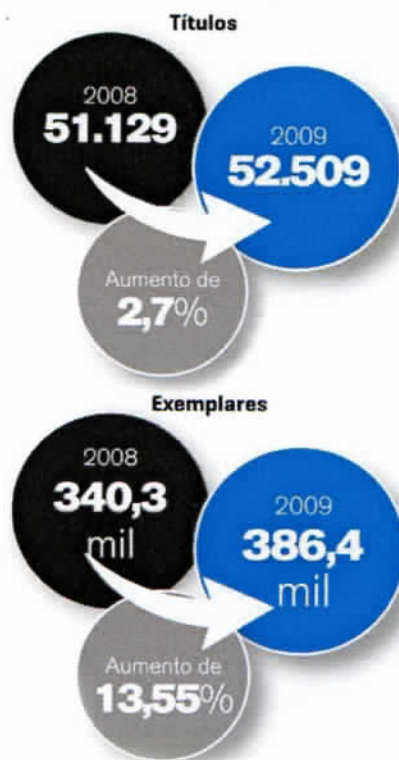
"Ele preserva pequenas histórias familiares, mas que podem ser interessantes para qualquer pessoa", diz o engenheiro Alexandre Pinheiro Neto, o filho, coautor de Um Conto e Tanto, com o pai Alexandre Pinheiro Júnior, e os irmãos Júlio Marcos e

Júnia Branco. Sem brigas nem vaidades para selecionar qual fato seria escolhido, a sequência, a lógica dos causos, o título, a capa. Tudo na maior harmonia. "Revivemos grandes descobertas. Emoções vieram à flor da pele. Foi experiência prazerosa", relata o engenheiro. Mantiveram sigilo até no lançamento do título, que se soma aos mais de 386 mil publicados no país ano passado nesse mercado crescente do feito sob encomenda, sem números separados.

Deve ter mais procura aqui e fora. "O livro no Brasil é símbolo de status. Há famílias que, enquanto não publicam, não sossegam", diz André Carvalho, do Armazém de Ideias, editora de mais de cem títulos de anônimos em Minas. Lembra os que chegam com as páginas escritas à mão, querem interferir, mas depois cedem. "As empresas respeitam mais. Capricho como em qualquer publicação." Está aí a atender clientes que querem não só ler, mas estar dentro do livro. "No lançamento, a pessoa passa a ser escritor. É paparicado como um Jorge Amado", afirma André Carvalho. Tem a vida eternizada nestes tempos passageiros de reality show, blog, twitter até enquanto durar o papel ou que a digitalização os sugue.

Livros no Brasil

**Mercado de
exemplares e
títulos cresce
a cada ano**



Fonte: Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial, da Fundação Instituto de Pesquisa Econômica

» LIVRO MEU

Publicações feitas sob encomenda



Tiragem
Em torno de
1000
exemplares

Custo
R\$6 mil
o exemplar de
128 páginas no
Armazém de Ideias

Tempo
Média de
9 meses



Custo
R\$35 mil
no Escritório
de Histórias,
sem impressão